

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Eduarda Ricci Perin

**DOS ANOS 60 À ATUALIDADE: O ESPAÇO DO *NEW JOURNALISM* NAS REPORTAGENS DE ZH**

Passo Fundo

2015

Eduarda Ricci Perin

**DOS ANOS 60 À ATUALIDADE: O ESPAÇO DO *NEW JOURNALISM* NAS REPORTAGENS DE ZH**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do professor Fábio Luis Rockenbach.

Passo Fundo

2015

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico esse trabalho à minha mãe, sempre paciente e atenciosa. À minha família pelo apoio de sempre, ao meu namorado Guilherme pela paciência no período em que realizei o trabalho e a Deus, por sempre me acompanhar e me abençoar em todas as etapas da minha vida.

Aos professores Fábio Rockenbach e Maria Joana Chaise que, sempre dispostos, me auxiliaram desde que optei pelo jornalismo literário como tema. Também agradeço aos professores do Núcleo Experimental de Jornalismo, que me ensinaram muito durante os dois anos em que estive no Núcleo. Em especial, à professora e amiga Fabiana Beltrami, que foi fundamental na minha formação como uma jornalista crítica, que não se acomoda e busca conhecimento, sempre.

Aos colegas e amigos que me acompanharam durante os quatro anos de curso e viveram comigo cada etapa da graduação. Muito obrigada!

## RESUMO

Este trabalho visa identificar a abrangência do espaço existente no jornal Zero Hora para o *new journalism* - uma das vertentes mais conhecidas do jornalismo literário, que se consolidou nos anos 60, nos Estados Unidos. A pesquisa busca definir os conceitos do jornalismo literário e do fenômeno chamado, no Brasil, de novo jornalismo para analisar oito reportagens de ZH partir de quatro características do *new journalism* apontadas por Tom Wolfe, um dos precursores do estilo. Após a análise, conclui-se que há pouco espaço para o *new journalism* em ZH, já que as características apontadas por Wolfe foram encontradas de maneira aleatória no conteúdo analisado e nenhuma das oito reportagens contempla todas as quatro características.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Literatura. *New journalism*. Jornalismo literário.

## LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Jornal Zero Hora, ed. 18.225, p.12.....	31
Figura 2: Jornal Zero Hora, ed. 18.232, p.23.....	32
Figura 3: Jornal Zero Hora, ed. 18.239, p.22.....	34
Figura 4: Jornal Zero Hora, ed. 18.146, p.12.....	35
Figura 5: Jornal Zero Hora, ed.18.253, p.16.....	37
Figura 6: Jornal Zero Hora, ed. 18.260, p.14.....	39
Figura 7: Jornal Zero Hora, ed. 18.267, p.28.....	41
Figura 8: Jornal Zero Hora, ed. 18.274, p. 14.....	42

## SUMÁRIO

1 Introdução.....	7
2 ENTRE APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS .....	9
2.1 Texto literário ou não literário.....	10
2.2 Jornalismo: a vida como ela é .....	11
2.3 Objetividade como fórmula.....	12
3 JORNALISMO, LITERATURA E O TERCEIRO GÊNERO.....	19
3.1 As sete pontas do jornalismo literário .....	19
3.2 O jornalismo literário como alternativa para o impresso .....	21
3.3 <i>New journalism</i> .....	22
3.3.1 No Brasil.....	24
3.4 O livro reportagem e a crônica .....	24
4 METODOLOGIA.....	26
4.1 Objeto .....	27
4.2 Variáveis.....	28
4.3 Amostragem .....	28
4.3.1 Descrição da amostragem.....	30
5 ANÁLISE.....	30
5.1 Lava-jato além da Petrobras .....	32
5.2 Guardiões da tradição .....	33
5.3 O morro do medo.....	35
5.4 Por um fio.....	36
5.5 Destino incerto.....	38
5.6 Refugiados, uma história .....	40
5.7 Desistir ou persistir, eis a questão .....	42
5.8 Os preatoristas .....	43
5.9 Resultados quantitativos .....	43
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
REFERÊNCIAS .....	48

## 2 INTRODUÇÃO

O futuro do jornalismo impresso e as possíveis alternativas para que o papel não seja substituído pelo digital foram temas que nortearam inúmeras discussões durante os quatro anos em que estive no curso de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo.

A era da informação rápida e instantânea através de redes e mídias sociais exige mudança no formato dos jornais impressos. Quando completou 50 anos de história, por exemplo, o Zero Hora – um dos jornais mais conhecidos do Estado – modernizou a identidade visual, o design e o conteúdo tanto no online, quanto no impresso para se adaptar à era digital.

Para anunciar as transformações, em maio de 2014, ZH divulgou um vídeo<sup>1</sup>, onde editores, colunistas e diretores comentam os motivos da modernização. Em sua fala, Marta Gleich, diretora de redação de ZH, afirma que as mudanças no jornal envolvem todas as plataformas e até o tipo de conteúdo oferecido aos leitores, buscando "aprofundar as notícias". A modernização, de acordo com a diretora de redação, acontece no momento em que o jornal concorre com outras mídias e deve se adaptar a outras plataformas.

Nesse contexto de adaptação, as reportagens de conteúdo aprofundado e com elementos do jornalismo literário podem ser uma alternativa para que o impresso deixe o *hardnews* para as mídias digitais e atraia leitores para a informação mais completa e aprofundada nas páginas impressas. É o que escreve Jorge Pedro Souza (2006). Para ele, daqui a algum tempo, as pessoas não compreem jornais e revistas para saberem de notícias “quentes”, o famoso *hardnews*, mas sim para lerem notícias “selecionadas, aprofundadas, correlacionadas, hierarquizadas, comentadas, interpretadas, explicadas, analisadas [...]”.

Se o jornalismo que utiliza elementos da literatura pode ser visto como uma alternativa para que o papel permaneça vivo no mercado, a dúvida que norteia o trabalho é: existe espaço para o jornalismo literário nos jornais impressos?

Para responder à pergunta de pesquisa, a análise de conteúdo busca identificar o espaço do *new journalism*, uma das vertentes mais conhecidas do jornalismo literário, em oito edições dominicais de Zero Hora - todas de setembro e outubro de 2015.

O trabalho busca analisar as oito reportagens para saber se os elementos do *new journalism* são aplicados ao material analisado, como o registro de diálogos completos e pontos de vista de diferentes personagens. A pesquisa também pretende entender as diferenças e semelhanças entre o texto jornalístico com influência literária e o texto literário. Além disso,

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/pagina/aniversario-de-zh.html>

abordar a história da corrente *new journalism* que se popularizou nos anos 60, com Tom Wolfe, Gay Talese e Truman Capote como principais expoentes.

No primeiro capítulo, as características do jornalismo e da literatura são abordadas, com autores como Fabrino, Ponte, Lima e Tuchman. Após compreender a linguagem e as características das duas áreas, o trabalho busca relatar como jornalismo e literatura se aproximam e se distanciam em suas relações. Desde os livros-reportagem e dos escritores jornalistas que marcaram a história até os elementos da literatura estampados em textos jornalísticos de importantes periódicos brasileiros, como a Revista Realidade.

No segundo capítulo, o gênero formado pela junção de literatura e jornalismo, o jornalismo literário é abordado a partir dos conceitos apontados por Bulhões, Pena, Lima e Borges. O movimento *new journalism*, difundido nos anos 60 por expoentes do jornalismo literário como Truman Capote, Norman Mailer e Gay Talese também é abordado.

No terceiro e último capítulo, oito reportagens de edições dominicais de ZH são analisadas através da Análise de Conteúdo, um método que surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, com propósito de analisar o material jornalístico. A análise busca verificar em cada uma das reportagens a existência das quatro características do *new journalism* apontadas por Tom Wolfe: a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos completos, a apresentação das cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

Escolhidas por trazerem conteúdo mais extenso e aprofundado, as edições analisadas, dos oito domingos de setembro e outubro de 2015, foram impressas durante os meses de análise.

## 2 ENTRE APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

A narrativa que dá origem à literatura - e ao jornalismo - é empregada desde o início da humanidade, quando o homem primitivo vivia em tribos nômades e, para se aproximar dos deuses, criava rituais sagrados acompanhados de rezas, lendas, evocações e cantigas. De acordo com Fabrino (2014), as primeiras narrativas estavam baseadas no mito e na religiosidade e eram transmitidas oralmente através das gerações. Assim, os primeiros registros escritos - que podem ser considerados como as primeiras manifestações literárias - são os registros tardios dessas narrativas orais.

Dos primeiros registros escritos à consolidação da literatura em todo o mundo, a história da literatura é marcada por períodos e movimentos literários que acompanhavam o pensamento da sociedade na época. Na obra em que relata a história da literatura universal, Fabrino (2014) cita alguns desses movimentos, como o humanismo - que evidenciava a dignidade do homem e o tornava um grande explorador dos mistérios da natureza - e o iluminismo - movimento estético e cultural que valorizou a razão e a ciência.

Entre os principais e mais conhecidos movimentos estéticos da história da literatura está o romantismo, “cuja principal característica constituiu no descontentamento com as novidades trazidas pelo processo econômico, que mascararam a indignidade produzida pelo distanciamento entre as classes sociais”. (FABRINO, 2014, p. 182). Se considerarmos que os movimentos literários acompanhavam o pensamento da época, o romantismo, para Fabrino (2014), representou o nascimento de um homem mais consciente, dotado de razão e emoção. Segundo a autora, no Brasil, o movimento foi difundido através de autores, como Casimiro de Abreu, Joaquim Manuel de Macedo - autor de *A moreninha* - e José de Alencar.

Após a dramaticidade oferecida pelo sentimentalismo dos autores românticos, a razão se impõe através do movimento chamado de realismo. Para Fabrino (2014), o realismo é uma estética literária referente a um período específico da história da literatura, na segunda metade do século XIX. “É um movimento que mostra de forma crítica a realidade do mundo capitalista e suas contradições. O ser humano é retratado em suas qualidades e defeitos, muitas vezes vítima de um sistema difícil de vencer”. (FABRINO, 2014, p. 228).

Para Ponte (2005 p. 43), é do realismo a proposta de descrever a vida tal como ela é através de uma espécie de código composto “pelas marcas de sujeito, personagem, composição, tempo, espaço e escrita”. Segundo a autora, contemporâneo desta corrente literária, o jornalismo surge no século XIX e, orientado para relatar os fatos, encontra no realismo algumas de suas metáforas como a de “espelho da vida”.

## 2.1 Texto literário ou não literário

Das escritas registradas em tabuletas de argila às obras impressas, as manifestações literárias que surgiram ao longo da história são objeto de estudo de diversos pesquisadores. Entre as principais discussões está o conceito de texto literário. O que, afinal, pode ser considerado literatura?

Ainda que não seja possível encontrar uma resposta definitiva para a questão, Fiorin e Savioli (2002) buscam desconstruir alguns conceitos que, para eles, não podem diferenciar um texto literário de um não literário. O primeiro conceito descartado é o conteúdo. De acordo com os pesquisadores, não existem conteúdos exclusivos dos textos literários, nem avessos à prática.

O caráter ficcional e não ficcional também não é critério válido para os autores:

Segundo esse ponto de vista, o texto literário é ficção, ao passo que os outros tipos de texto relatam a realidade efetivamente existente. Os autores que assim pensam não negam que o texto literário interprete aspectos da realidade efetiva, mas que o faz de maneira indireta, recriando o real num plano imaginário [...]. Esse critério, apesar de pôr em evidência aspectos importantes da obra literária, esbarra num problema muito sério: a dificuldade em discernir o real do fictício em certas situações concretas. Como classificar, por esse critério, um texto religioso. Seria ficção ou realidade? (FIORIN, SAVIOLI. 2002, p. 349)

Segundo os autores, é necessário buscar a distinção entre o texto literário e o não literário em outro conceito: a função estética, também chamada de função poética. Diferente do texto utilitário, que busca informar, explicar ou convencer, o texto literário deve se importar com o chamado plano da expressão, que pode ser pensado por meio de recursos como o ritmo, a sonoridade, a repetição das palavras ou sons e a repetição de situações ou descrições. “No texto literário, o escritor não apenas procura dizer o mundo, mas recriá-lo nas palavras, de modo que, nele, importa não apenas o que se diz, mas o modo como se diz”. (FIORIN, SAVIOLI. 2002, p. 351).

Quase sete décadas antes, o pesquisador Terry Eagleton (1983) questionou o conceito de texto literário e, assim como Fiorin e Savioli, também considerou, entre tantos conceitos apresentados e descartados, a estética como forma de definir o que é literatura. Para ele, “a literatura emprega a linguagem de forma peculiar”:

A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana. Se alguém se aproximar de mim em um ponto de ônibus e disser: “Tu, noiva imaculada da quietude”, tenho consciência imediata de que estou em presença do literário. Sei disso porque a tessitura, o ritmo e a ressonância das palavras superam o seu significado abstrato. (EAGLETON, 1983, p. 2)

Porém, logo Eagleton derruba o conceito de que a literatura não é uma linguagem comum. De acordo com o autor, a ideia de que existe uma única linguagem normal, utilizada como padrão por todos os membros da sociedade, é uma ilusão. “Qualquer linguagem em uso consiste de uma variedade muito complexa de discursos, diferenciados segundo a classe, região, gênero, situação” (EAGLETON, 1983, p. 5). Para ele, o que alguns consideram norma, pode ser visto como desvio por outros. E, assim, o conceito de estética está ligado à literariedade - que se configura como os usos especiais da linguagem, de acordo com o autor - e não à literatura.

Sem conceitos definidos, Eagleton (1983) conclui que não é possível ver a literatura como categoria objetiva, descritiva, e também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que queremos chamar de literatura. Esses juízos de valor, na opinião do autor, são historicamente variáveis e têm estreita ligação com as ideologias sociais.

## **2.2 Jornalismo: a vida como ela é**

Entre os pesquisadores da área, não há um consenso sobre as origens do jornalismo. Para alguns, ele começa com a comunicação humana, ainda na pré-história. Para outros, como aponta Pena (2006, pg. 25), o início do jornalismo está entre os séculos XVIII e XIX, quando suas características como a periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade já podem ser identificadas. Para o autor, a origem do jornalismo está no medo do desconhecido, que leva o homem a buscar o conhecimento para administrar sua vida de forma mais estável e coerente:

Para isso, é preciso transpor limites, superar barreiras, ousar. Entretanto, não basta produzir cientistas e filósofos, ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes a desbravar o desconhecido. Também é preciso que eles façam relatos e reportem suas informações a outros membros da comunidade, que buscam a segurança e a estabilidade do “conhecimento”. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso chamar Jornalismo. (PENA, 2006, p. 25)

Como o realismo literário, o jornalismo tem como princípio, em sua essência, descrever a vida tal como ela é. Para Lima (1993) a profissão existe como um dos

instrumentos da civilização humana pelo qual as pessoas são informadas do que acontece no mundo. Em resumo, trata-se de reproduzir a realidade concreta e factual. De acordo com o autor, seu papel é relatar os acontecimentos para que a sociedade tenha conhecimento do que ocorre nos diversos campos da realidade social e da existência humana. O jornalismo busca, neste, acompanhar as diversas esferas da existência contemporânea para construir uma leitura em mosaico daquilo que é atual e, em tese, de interesse público

Convencionalmente, o jornalismo em princípio comunica fatos. O relato dos fatos que têm repercussão pública também implica a identificação das pessoas que participam dos acontecimentos, a localização das ações sobre as quais o relato se debruça, a circunscrição temporal do momento da ocorrência - mas sempre amarrada a uma preocupação com a atualidade - e a indicação da maneira como se desenrolaram os fatos. Em muitos casos, o relato avança para tentar explicar a causa - ou as causas - da ocorrência focalizada em cada mensagem jornalística; às vezes ousa sugerir os desdobramentos futuros, as consequências dos acontecimentos. (LIMA, 1993, p. 10)

De acordo com o autor, o instrumento básico para o relato jornalístico é a notícia, que é apontada por Lima (1993) como forma de comunicação que condensa a reprodução dos fatos sociais. Porém, como existem temas que exigem abordagem mais ampla, o jornalismo desenvolveu uma forma de mensagem mais rica, segundo as palavras do autor. Essa forma é a reportagem, que oferece a contextualização ao leitor, “pela tradução viva do ambiente onde ocorrem os fatos, pela explicação de suas causas e pela indicação de rumos que poderá tomar”. (LIMA, 1993, p. 10)

### **2.3 Objetividade como fórmula**

Quando se fala em construção da realidade por meio do discurso jornalístico, uma das características mais lembradas pelos pesquisadores da área é a objetividade. Para Borges (2013, p.43), a característica prospera no jornalismo moderno por motivações históricas, circunstanciais, mercadológicas e ligadas à essência da profissão. A força deste conceito na prática do jornalismo também é motivada, para o autor, pela necessidade de efetivar o jornalismo como discurso confiável, a demanda por notícias atuais e precisas e até pressões estratégicas de fontes, empresas e colegas da profissão pela verdade dos fatos.

Enquanto Borges (2013) apresenta os principais motivos do uso da objetividade no jornalismo, Tuchman (1993) analisa a função da característica. O autor acredita que a

objetividade serve como um escudo para os jornalistas que, durante o processo diário de produção, não têm tempo disponível para analisar as informações que produz e utiliza a objetividade para minimizar os riscos impostos pelos curtos prazos de entrega do material.

O uso da objetividade jornalística, para Tuchman (1993), está ligado à possível difamação dos veículos de comunicação. Para ele, cada notícia é uma compilação de fatos avaliados e estruturados pelos jornalistas, responsáveis pela exatidão da informação. Os fatos, veiculados pelas empresas jornalísticas, são expostos tanto ao público comum quanto ao às fontes utilizadas pelos jornalistas para compor o fato. Se o público ou as fontes não concordarem com o que foi veiculado e poderem provar que houve algum tipo de prejuízo para seu negócio ou reputação pelo conteúdo produzido e publicado, podem instaurar um processo contra a empresa jornalística. (TUCHMAN, 1993, p. 77)

Tuchman aponta que, na luta contra estas pressões cotidianas, os jornalistas utilizam a objetividade como arma, argumentando que os perigos são minimizados se eles seguirem as estratégias de trabalho, através de notícias objetivas: “Eles (jornalistas) defendem que, se todos os repórteres reunirem e estruturarem os factos (sic) de um modo descomprometido, imparcial e impessoal, os prazos serão respeitados e os processos de difamação evitados”. (TUCHMAN, 1993, p. 78)

O autor, além de mostrar a objetividade como um escudo ao jornalista, aponta quatro procedimentos estratégicos que fazem com que o jornalista consiga a objetividade: a apresentação de possibilidades conflitais, a apresentação de provas auxiliares, o uso das aspas e a estruturação da informação numa sequência apropriada. (TUCHMAN, 1993, p.79)

O primeiro procedimento apontado por Tuchman (1993) envolve a possibilidade de o jornalista apresentar mais de uma versão sobre cada fato e, assim, deixar que o leitor decida qual dos lados está correto. A segunda característica do jornalista objetivo, apontada pelo autor, é a apresentação de provas auxiliares. “Há ocasiões em que os jornalistas conseguem obter provas que corroboram uma afirmação. A apresentação de provas auxiliares consiste na localização e citação de factos (sic) suplementares, que são geralmente aceites (sic) como verdadeiros”. (TUCHMAN, 1993, p. 40)

As aspas que os jornalistas utilizam nos textos, quando querem destacar a fala de um entrevistado, também é uma forma de se proteger através da objetividade, segundo Tuchman (1993):

Ao inserir a opinião de alguém, eles (jornalistas) acham que deixam de participar da notícia e deixam os factos (sic) falar [...]. Ao acrescentar mais nomes e citações, o repórter pode tirar as duas opiniões da notícia, conseguindo que os outros digam o que ele próprio pensa (TUCHMAN, 1993, p. 82)

O quarto e último procedimento que indica o uso da objetividade, para o autor, é a estruturação da informação em uma sequência considerada apropriada. Segundo Tuchman, a informação mais importante é apresentada no primeiro parágrafo e cada parágrafo posterior contém as informações de menor importância. É o que pode ser considerado como pirâmide invertida ou lead, padrões estabelecidos pelo jornalismo norte-americano.

O jornalismo, por mais factual e objetivo que se apresente, e a literatura, por mais fantasiosa que pareça, têm muito em comum. E a relação entre as duas áreas é considerada pela maioria dos pesquisadores tão antiga quanto tumultuada.

A origem da relação entre as duas áreas também não é um consenso entre os pesquisadores. Se Lima (2004) defende a ideia de que jornalismo e literatura têm relação a partir da última metade do século passado, quando a imprensa adquire feições modernas e industriais, Borges (2013) acredita que a relação entre jornalismo e literatura é tão antiga, quanto tumultuada, principalmente nos últimos 150 anos, em parte da imprensa ocidental

Diferente de Lima e Borges, Pena (2006) aponta que a influência da literatura no jornalismo está mais presente de 1789 a 1830, quando a prática era caracterizada pelo conteúdo literário e político, “com texto crítico, economia deficitária, e comandado por escritores, políticos e intelectuais” e de 1830 a 1900, quando a chamada “imprensa de massa marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa”. (PENA, 2006, p. 28)

Segundo o autor, a relação entre jornalismo e literatura foi evidenciada nos séculos XVIII e XIX, quando escritores tomaram conta dos jornais, não apenas comandando as redações, mas determinando a linguagem e o conteúdo dos veículos. Para Pena (2006), um dos principais instrumentos dos escritores-jornalistas foi o folhetim, um estilo que marca a confluência entre as duas áreas.

De acordo com Ponte (2005), os primeiros folhetins surgiram na imprensa francesa, em 1836, pela mão de Émile de Girardi, fundador de *La Presse*. “A expressão *continua no próximo número*, inscrita no final de texto de rodapé da primeira página do jornal, iria ter vida longa, atribulada e por vezes polêmica” (PONTE, 2005, p. 78).

Na época, as narrativas literárias publicadas nos jornais aumentavam as vendas e proporcionavam a diminuição do preço e o aumento do número de leitores, por consequência. É o que aponta Pena (2006, p. 29). Para o autor, os folhetins também se tornavam um bom negócio para os escritores pela visibilidade que ganhavam a partir da divulgação de suas histórias e seus nomes.

Pena (2006) também aponta algumas características do folhetim:

Ele era dirigido a um público muito vasto, de todas as classes. Portanto, a linguagem deveria ser simples e acessível. Além disso, para facilitar a compreensão, eram utilizados recursos de homogeneização cultural, como estereótipos, clichês e estratégias correlatas. Histórias de adultério, amores impossíveis e odisséias aventureiras tinham como objetivo a lágrima melodramática e o riso fácil. Outra característica do folhetim era o chamada *plot*, o ponto de virada do roteiro. A ação era sempre interrompida no momento culminante. A hora do beijo, a descoberta do assassino ou o flagrante do marido. Como as histórias eram publicadas em fascículos, no final de cada capítulo existia sempre um acontecimento dramático, que só seria resolvido na edição seguinte do jornal, garantindo assim a próxima compra do leitor. (PENA, 2006, p. 29)

Utilizada como dispositivo jornalístico, a distribuição prolongada do folhetim pode ser considerada também como uma arma política, para Ponte (2005). É o caso da publicação em folhetim da reportagem *Relato de um Náufrago*, do colombiano Gabriel Garcia Marquez. Baseada na vivência do único sobrevivente de um naufrágio perto da costa colombiana, a narrativa de não-ficção de Marquez foi construída através de um longo trabalho de escuta, onde o escritor-jornalista conseguiu “retirar algo de oficial dos factos, produzindo uma reportagem cujas implicações políticas lhe causariam o exílio”. (PONTE, 2005, p. 61)

A história contada por Marquez foi publicada em 14 episódios consecutivos. De acordo com Ponte (2005), quando a verdade dos fatos foi publicada, a circulação do jornal quase que duplicou e os leitores procuravam edições anteriores para ter a história completa. Diante da reação de quem lia, “o governo ditatorial conformou-se com remendar a verdade com a retórica de um desmentido. A resposta do jornal, apresentando novas provas, levaria a represálias políticas que culminariam com o encerramento do jornal”. (PONTE, 2005, p. 62).

Assim como Marquez, escritores brasileiros também apostavam nos folhetins, embora o termo fosse confundido com crônica em algumas ocasiões, segundo Pena (2006). O melhor exemplo de “cronista folhetinesco”, como aponta o autor, foi Machado de Assis, que

publicava críticas ácidas sobre a sociedade brasileira em jornais como a *Gazeta de Notícias* e o *Correio Mercantil*. Foi neste último jornal citado que o primeiro passo ao folhetim foi dado por Manuel Antônio de Almeida, que publicou, em 1852, *Memórias de um sargento de milícias* nas páginas do *Correio*.

Como Machado e Manuel, quase todos os grandes escritores brasileiros do século XIX até o começo do século XX passaram por jornais. Pena (2006, p. 31) cita alguns como Manoel de Macedo, Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo, Euclides da Cunha e Visconde de Taunay. Para o autor, o folhetim democratizou a cultura “possibilitando o acesso do grande público à literatura e multiplicando o número de obras publicadas”. (PENA, 2006, p. 31)

Para Daniel Piza (2002), a relação entre jornalismo e literatura não é mais a mesma de algum tempo atrás. Antes, segundo ele, o autor via a oportunidade de escrever em jornal com ansiedade, como um meio de praticar a literatura mais veloz, mas nem por isso mais fútil. “De Gonçalves Dias a Otto Lara Resende, passando com destaque por Machado de Assis, a maioria dos ficcionistas brasileiros passou por redações. Hoje, mesmo quando o jornalista imagina tornar-se um escritor, sua atividade como jornalista não está diretamente ligada àquele sonho”. (PIZA, 2002, p. 134)

Para ele, as mudanças estão diretamente ligadas ao próprio jornalismo. Inspirados na escola americana, os jornais dos anos 60 exigiam abordagem mais objetiva e menos participante. Nos anos 80, uma nova onda de modernização, que nos anos 90 consolidaria uma realidade considerada triste pelo autor: textos burocráticos com pobreza de palavras e recursos.

Para Daniel Piza (2002, p.135), o jornalismo brasileiro de hoje esquece vários gêneros jornalísticos além do chamado *hardnews* e as colunas de opinião especializadas. Perfis, resenhas, colunas generalistas, reportagens impressionistas são gêneros que fazem parte da história da imprensa desde sua fundação, mas não são praticados atualmente com tanta frequência.

Para que não se separem definitivamente, Piza (2002) sugere que a literatura perca o medo da realidade e de interpretar a sociedade brasileira em sua complexidade e drama e o jornalismo perca a submissão ao que considera ser a realidade, a submissão para as versões oficiais e ideológicas sobre os fatos, para conseguir ir além deles.

Entre semelhanças e diferenças, um ponto essencial aproxima as duas áreas: a narratividade. É o que defende Bulhões (2010). Para ele, produzir textos narrativos que contam uma sequência de eventos cronológicos é algo em comum do jornalismo e da literatura. Além disso, as duas áreas encontram no texto escrito a sua origem e principal pilar.

Como Borges (2013) sugere, é no jornal impresso ou por meio dos livros que as expressões do jornalismo literário se manifestam.

Enquanto jornalismo e literatura se aproximam por pontos em comum, as duas áreas se afastam por padrões estabelecidos. O padrão jornalístico consolidado nos Estados Unidos, que utiliza o *lead* e a pirâmide invertida, é considerado por Bulhões (2010) como um dos grandes entraves na relação entre as duas áreas. Para o autor, o padrão americano de fazer jornalismo, hegemônico no mundo contemporâneo, parece afastar e não permitir o encontro harmônico do jornalismo com a literatura.

A estrutura narrativa, o estilo e o grau de imprevisibilidade são critérios de diferenciação entre a “opacidade literária e a transparência jornalística” para Ponte (apud LITS, 1997):

Na estrutura narrativa, Lits sublinha a diferença entre os constrangimentos na organização estrutural de um artigo de imprensa (titulação, entrada e lead capazes de captar o interesse do leitor, um certo respeito pela cronologia combinado com a antecipação da informação essencial) e considera que estes elementos de composição limitam a capacidade de autonomia criativa, sendo difíceis de introduzir efeitos de suspense narrativo. [...] Para Lits, o estilo é o grande diferenciador dos leitores construídos pelo texto jornalístico e pelo texto literário: enquanto o estilo literário é o espaço da incerteza, do indeterminado, de “brancos” que o leitor deve preencher, [...] na imprensa é o leitor que ocupará esse lugar da preguiça, sendo o trabalho do jornalista a colmatação das brechas possíveis. (PONTE, 2005, p. 34-35)

Nesse contexto, apontado por Ponte, um exemplo de diferença de estilo entre as duas áreas, para Ponte, é o uso da metáfora. Enquanto os escritores a usam para surpreender o leitor, a metáfora jornalística é um instrumento de comunicação que explora a memória coletiva.

Ainda em relação ao estilo de cada uma das áreas, Ponte (2005) enfatiza outra diferença: a forma que o jornalismo e a literatura se referem ao real. Na obra literária, segundo ela, há uma autocontextualização e os problemas tratados são acompanhados da resolução do conflito. No texto jornalístico, a informação é fragmentada, exige capacidade de contextualização e um leitor informado.

Assim como a autora, Borges (2013) também reflete como cada uma das áreas vê o verdadeiro e o real:

Trata-se, primordialmente, de uma relação dúbia, que enfeixa o real e o fantasioso, o factual e o inventivo, o verificável e o imaginado, senão num mesmo espectro, em construções similares, vizinhas e mesmo complementares. A afirmação do “verdadeiro” traz embutida a negação do “falso” e vice-versa, em um movimento de mão dupla. Isso tudo, no entanto, é muito claro em tese. O jornalismo é o relato de experiências concretas, está na esfera do vivido, mas é composto por palavras. Ainda que seja apenas falado, sua composição é discursiva. Ele é, antes de tudo, um registro escrito, construído e não reflete a verdade como um espelho. A ficção [...] tem uma realidade própria, que existe uma verdade na mentira. Sendo assim, o jornalismo com suas metáforas, visões pessoais e representações não seria uma mentira na verdade? (BORGES, p. 185, 2013)

Borges (2013, pg. 189) também lista algumas características de cada área. Para ela, o literário está no seu discurso, nas idas e vindas dos tempos cronológicos, nos fluxos da consciência, na reprodução dos diálogos, na estruturação peculiar do texto, na narrativa e no elogio à subjetividade. O jornalístico está na presença testemunhal do repórter, na apuração, no compromisso em reconstruir uma realidade mesmo que não seja possível transmiti-la totalmente.

### **3 JORNALISMO, LITERATURA E O TERCEIRO GÊNERO**

Mesmo que aponte algumas diferenças entre jornalismo e a literatura, Borges (2013) acredita que, quando se unem, as duas áreas formam um novo gênero que não pode ser considerado como o jornalismo tradicional e, ao mesmo tempo, não pode ser visto como um discurso literário: é o chamado jornalismo literário.

O gênero criado a partir da união de jornalismo e literatura também é defendido por Pena (2007). O autor acredita que, ao juntar as características das duas áreas, cria-se um terceiro gênero que não se trata de ficção ou verdade, mas sim, de uma verossimilhança possível. Esse gênero, segundo o autor, não ignora o que aprendeu no jornalismo diário ou tradicional, mas desenvolve as técnicas jornalísticas e constrói novas estratégias.

Para Oliveira (2010), o jornalismo literário também é conhecido como literatura não ficcional, literatura da realidade, jornalismo de autor, jornalismo em profundidade, jornalismo diversional e reportagem-ensaio. Segundo a autora, trata-se da união entre jornalismo e literatura, onde o repórter-autor utiliza a perspectiva subjetiva em complemento ao texto objetivo. “Assim, é necessário o uso de técnicas da literatura na captação, na redação, na edição de reportagens e ensaios jornalísticos, com o intuito de se obter uma minuciosa observação da realidade”. (OLIVEIRA, 2010, p. 18).

Ainda que haja pontos de contato e convergência, para o Borges (2013), o jornalismo literário também não deve ser confundido com criação. Ele deve relatar o que aconteceu, mas seu viés literário permite que, embasado nos fatos, “implique acontecimentos não visíveis, mas prováveis a partir do que é visível, não inventados, mas deduzíveis a partir do testemunhado, não absolutos, mas pertinentes, ainda que relativos”. (BORGES, 2013).

#### **3.1 As sete pontas do jornalismo literário**

Potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as características burocráticas do lead, evitar os definidores primários e garantir a perenidade e profundidade dos fatos são características apontadas por Felipe Pena (2006) para definir o conceito de jornalismo literário. Para ele, estas sete características fazem com que o jornalismo literário se diferencie do discurso tradicional da imprensa. É o que o autor chama de estrela de sete pontas.

A primeira das sete características defendidas por Pena é potencializar as técnicas utilizadas no jornalismo tradicional:

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, pg. 14)

A segunda ponta da estrela criada por Pena é ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano. Segundo ele, o jornalista que aposta nos elementos do jornalismo literário rompe com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Quando segue a segunda premissa, o jornalista não segue um *deadline* e não se preocupa em escrever a novidade. A partir dessa característica defendida por Pena, o dever do jornalista literário é ultrapassar limites e proporcionar ao leitor uma visão ampla da realidade, que se configura como a terceira ponta da estrela.

Oferecer as informações contextualizadas, da forma mais abrangente possível, é a terceira característica do jornalismo literário, para Pena. “Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração”. (PENA, 2006, pg. 14)

Em quarto lugar, é preciso exercitar a cidadania. Pena defende que o jornalista, principalmente aquele que utiliza elementos da literatura, deve ter compromisso com a sociedade. Assim, quando escolher um tema, deve pensar em uma abordagem que contribua com a formação do cidadão.

A quinta ponta da estrela rompe com o padrão do *lead*, que estabelece um modelo para que o primeiro parágrafo dê conta de explicar o mais importante do texto: a novidade. Como Pena defendeu já na segunda característica apresentada, o jornalismo literário não se preocupa com apenas com o factual e, por tanto, romper as barreiras do *lead* parece ser inevitável para o jornalista literário.

Fora dos padrões estabelecidos pelo jornalismo tradicional da escola americana, o jornalista literário também evita entrevistar aqueles que ocupam cargos públicos ou funções específicas e sempre aparecem na imprensa. Pena os define como “definidores primários, os famosos entrevistados de plantão”.

Por último, a sétima ponta da estrela criada por Pena, enfatiza a perenidade. Para o autor, uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser passageira ou superficial. Diferente do que é praticado no jornalismo diário, que abusa do *hardnews*, as reportagens literárias não podem ser esquecidas no dia seguinte.

### 3.2 O jornalismo literário como alternativa para o impresso

Ampliar o conhecimento sobre a prática jornalística que utiliza elementos da literatura para Borges (2013) é ainda mais relevante no momento em que vivemos - de transição e quebra de paradigmas através da internet:

As novas tecnologias, o desenvolvimento das redes mundiais de computadores, o avanço nas possibilidades de interação do público com os meios de comunicação trouxe novas maneiras de se produzir informação e descaracterizaram espaços até então considerados sagrados. O jornalismo foi afetado frontalmente neste contexto. As mudanças são muitas e não falta quem admita que as novas mídias e seus atrativos podem sepultar o ato da leitura do jornal em papel. (BORGES, 2013, pg. 14)

O autor aponta o jornalismo literário como uma das soluções para evitar o fim do jornal impresso. Segundo Borges (2013), o sustento para o impresso frente à concorrência pode estar no resgate da grande reportagem e do jornalismo mais autoral, analítico e interpretativo. Neste cenário de mudanças, Borges acredita que o jornalismo literário se encaixa como linguagem menos rígida, buscando novos ângulos e abordagens. Por outro lado, o autor acredita que, para que continuem existindo, jornais e revistas devem se reinventar também na linguagem e na apresentação de conteúdo.

Mesmo que defenda o jornalismo literário como solução para o jornalismo impresso, Borges (2013) entende que a ideia de misturar as duas áreas não é nova: movimentos como o *new journalism* norte-americano, trabalhos de autores como Gabriel García Márquez e projetos brasileiros como a revista *Realidade* e o *Jornal da Tarde* tentaram quebrar paradigmas do jornalismo tradicional quando a internet ainda não era concorrência para o impresso. Porém, na visão do autor, foram apenas movimentos e o jornalismo literário ainda não conseguiu predomínio.

### 3.3 *New journalism*

Na década de 1960, pela insatisfação de alguns jornalistas americanos com os padrões estabelecidos pelo jornalismo tradicional, como a objetividade do texto através do *lead*, surge o novo jornalismo, em inglês, *new journalism*.

A ideia básica do novo jornalismo, segundo Pena (2006), é “evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal imprensa objetiva”. Os jornalistas literários devem seguir o caminho inverso do jornalismo tradicional e optar pela subjetividade:

O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. Uma exclamação, por exemplo, pode vir após uma interrogação para expressar uma pergunta incisiva. Por que não?! (PENA, 2006, pg. 54)

Pena (2006) também cita quatro recursos básicos do novo jornalismo, escrito pelo próprio Tom Wolfe, precursor do movimento, em 1973: a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos completos, a apresentação das cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

De acordo com um boletim divulgado pelo Instituto Gutenberg (1998) a ideia do *new journalism*, segundo Wolfe, era dar a descrição objetiva completa e um algo mais que os leitores sempre tiveram que buscar nos romances e contos: a vida subjetiva ou emocional dos personagens:

E lá saíram os repórteres-escritores pelos Estados Unidos cunhando expressões como “radical chic”, descrevendo o resfriado de Frank Sinatra, cobrindo corridas de stock car ou localizando um presídio feminino com janelas para a rua, como Wolfe fez em reportagem inesquecível publicada na revista do New York Herald Tribune, em 5 de janeiro de 1964. No lugar do velho e bom lide o que se lia (ou apenas via) na abertura da reportagem era um café-com-pão onomatopaico: — “Hã-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha-há [...] (INSTITUTO GUTENBERG, Boletim nº 20, 1998)

Vitor Necchi (2014) considera o *new journalism* como um movimento específico, uma fase do jornalismo literário nos anos 1960 com obras de autores como Truman Capote, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe. Para o autor, o mundo ainda vivia a “ressaca” da Segunda Guerra Mundial e, naquele cenário, a contracultura ganhou força. As pessoas

questionavam as instituições e a lógica da sociedade e essa insatisfação refletiu no jornalismo. Os “novos jornalistas”, atentos ao que acontecia a sociedade norte-americana, retrataram essa realidade com textos informativos com base nas características ficcionais do romance realista. Assim, criaram uma nova forma jornalística de narrar acontecimentos.

Segundo Pena (2006), Tom Wolfe não é o precursor do estilo. Segundo ele, o termo Novo Jornalismo apareceu pela primeira vez em 1887, mas foi usado para outro fim: desqualificar um repórter britânico que, engajado nas lutas sociais, fazia matérias participativas. Em uma delas, comprou uma menina de 13 anos para denunciar a prostituição e acabou preso. Por seus colegas de profissão, que consideraram a atitude inconsequente, o repórter foi chamado de novo jornalistas, mas o conceito era bem diferente do atual.

Ainda antes de 1887, um jornalista foi considerado o primeiro a praticar o jornalismo literário. Segundo Pena (2006), Daniel Defoe foi um editor no começo do século XVIII que começou a atuar na imprensa por uma série de reportagens policiais que produziu em 1725. Nas reportagens, Defoe misturou literatura e jornalismo com técnicas narrativas dos romances que escrevia para tratar fatos reais.

Antes da corrente literária proposta por Wolfe, há escritores que antecipam o gênero. É o caso de Joseph Mitchell, que publicou, em 1942, nas páginas da revista *The New Yorker*, o perfil de um maltrapilho que perambulava por um bairro boêmio de Nova York, o Greenwich Village. O personagem chamava-se Joe Gould e a reportagem revelava que, apesar de viver dormir em pensões baratas, albergues e até na rua, Gould escrevia uma obra que chamava de “História oral”.

De acordo com Andretta (2009), Gould morreu em 1957 e o livro que vinha escrevendo nunca foi encontrado. Em 1964, mais de vinte anos após a primeira publicação, Joseph Mitchell escreveu para a mesma revista outro texto sobre Gould, intitulado como “O segredo de Joe Gould”. Depois da reportagem que revelava o mistério guardado por tanto tempo, o jornalista nunca mais publicou na revista, mas continuou a frequentar a redação e a receber salário até o fim da vida, em 1996.

Na mesma revista em que Mitchell publicou “O segredo de Joe Gould”, John Hersey publicou em 31 de agosto de 1946, a obra “Hiroshima”, outra reportagem famosa por carregar os principais traços do jornalismo literário. Na obra, Hersey optou por uma narrativa romanceada para descrever a tragédia atômica pelo ponto de vista de seus sobreviventes da bomba. Ele reconstrói cenas e explora as emoções dos personagens apresentando diálogos.

Pena (2006) afirma que a mesma estratégia de Hersey foi utilizada 19 anos depois por Truman Capote, na obra “A sangue frio”. Ao contar a história de dois bandidos que

assassinaram uma família no Kansas, Estados Unidos, Capote recriou diálogos e reconstruiu a atmosfera de cada cena. Porém, mesmo que tenha utilizado elementos literários para criar uma obra jornalística, Capote não chamava seu trabalho de jornalismo, chamava de “romance-de-não-ficção”.

### **3.3.1 No Brasil**

No país, o novo jornalismo foi difundido através da Revista Realidade, lançada em 1966 pela Editora Abril. Com 12 ou 13 reportagens a cada edição, a Realidade abusava de uma narrativa criada a partir de impressões, pontos de vista e composições ambientais. A revista é definida por Lima (1994) como “a nossa mais revolucionária resposta jornalística e de maior sucesso popular” (LIMA, 1994, p. 168).

Para Lima (1994), a Realidade ajudou o leitor a descobrir o Brasil em suas múltiplas facetas. A revista não se prendia ao fato do dia-a-dia, mas propunha sair da correnteza para a permanência. Seus temas não eram fatos isolados e imediatos, mas a situação e o contexto onde esses fatos se davam.

A revista, para Lima (1994) seguia os mesmos caminhos que os novos jornalistas haviam aberto desde o início daquela década. Segundo o autor, o periódico primava pelo texto que rompia com as fórmulas tradicionais do jornalismo. Mesmo que não tenha atingido o grau de ousadia que alcançou o *new journalism*, a Realidade veiculou um texto sem ruptura.

Já Antonio Carlos Sardinha e Lilian Juliana Martins (2012) citam os textos da jornalista Eliane Brum como exemplos de jornalismo literário brasileiro. A jornalista/escritora observa gestos, comportamentos, costumes, reações dos personagens e registra-os em textos jornalísticos – que retratam a realidade – com elementos da literatura.

### **3.4 O livro-reportagem e a crônica**

Quando se aproximam, jornalismo e literatura são capazes de produzir alguns materiais que carregam características das duas áreas. O livro-reportagem é um deles. Para Lima (1993), esse tipo de obra amplia o trabalho cotidiano da imprensa e trata de temas que são esquecidos ou tratados de forma superficial pelo jornalismo diário. De acordo com o autor (p.15), o livro reportagem desempenha um papel específico de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social.

Outro resultado da combinação entre jornalismo e literatura é a crônica. Para Melo (2002 p.139), a crônica é um gênero do jornalismo contemporâneo com raízes históricas e literárias. Na história, são narrações de acontecimentos por ordem cronológica, registros de fatos mesclados com lendas e mitos.

Na literatura, ela se afigura como um registro poético e, muitas vezes, irônico através do que o cronista percebe do imaginário coletivo em suas manifestações cotidianas. Segundo Soares (2007, p.64), a crônica não é mera reprodução dos fatos, mas uma forma de perenizar os acontecimentos.

Segundo a autora, no início da era cristã, a crônica era a relação de acontecimentos organizada cronologicamente, sem nenhuma participação interpretativa do cronista. Após o século XVII, já apresentava uma perspectiva individual da história e, a partir do século XIX, a crônica já apresentava um trabalho literário que se aproxima do conto e do poema.

Da história e literatura, a crônica passa ao jornalismo, sendo um gênero cultivado pelos escritores que ocupam as colunas da imprensa diária e periódica para relatar os acontecimentos pessoais.

Ao referir-se à crônica jornalística, Melo (2002) cita Martin Vivaldi e sua concepção do gênero: “O característico da verdadeira crônica é a valorização do fato ao tempo em que se vai narrando. O cronista, ao relatar algo, nos dá sua versão do acontecimento; põe em sua narração um toque pessoal”. (apud VIVALDI, 2002). Segundo o autor, a crônica é praticada na imprensa europeia e americana desde o século passado e se afigura como um gênero jornalístico.

## 4 METODOLOGIA

Para saber se há espaço em ZH para uma das principais vertentes do jornalismo literário, o *new journalism*, o método escolhido é a análise de conteúdo (AC). A técnica surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos, com propósito de analisar o material jornalístico. Bardin (2011) define o método como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. (BARDIN, 2011, p.44).

A análise de conteúdo pode ser quantitativa ou qualitativa. De acordo com Caregnato e Mutti (2006), existe uma diferença entre as duas abordagens: na quantitativa é traçada a frequência das características que se repetem no conteúdo do texto e na abordagem qualitativa se “considera a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento da mensagem”. No presente trabalho, a análise qualitativa foi escolhida, já que a intenção é descobrir se há ou não espaço para o jornalismo literário e não dimensionar ou quantificar esse espaço.

Para Bardin (2011), a análise de conteúdo se organiza em torno de três polos cronológicos: a pré análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A pré-análise, para a autora, serve para sistematizar as ideias, estabelecer um programa de análise. Essa fase possuiu três missões: a escolha dos documentos a serem analisados, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

O primeiro passo para a pré análise é que o que Bardin (2011) chama de “leitura flutuante”. A atividade consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar para constituir o *corpus*, ou seja, o conjunto de documentos que serão submetidos à análise. Neste caso, o *corpus* se constitui de oito exemplares dominicais do Jornal Zero Hora, de setembro e outubro de 2015. Se trata, especificamente, das oito reportagens de capa dos exemplares escolhidos, já que as matérias estampadas na capa do impresso representam o conteúdo de mais destaque na edição.

As edições dominicais foram escolhidas por, tradicionalmente, trazerem conteúdo mais extenso e aprofundado aos leitores. Os exemplares analisados, dos oito domingos de setembro e outubro, foram impressos durante os meses de pesquisa. Assim, buscou-se tornar a análise neutra, já que não é possível conhecer o conteúdo dos exemplares antes de analisá-los.

Seguindo o método da análise de conteúdo definido por Bardin (2011), após definir o corpus do trabalho, quem analisa deve formular as hipóteses e os objetivos da análise. Neste contexto, para analisar as reportagens e verificar se elas se encaixam ou não como jornalismo literário, usaremos os conceitos de Wolfe, um dos precursores do movimento, que indica quatro características do *new journalism*, uma das vertentes mais famosas do jornalismo literário: a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos completos, a apresentação das cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

Já a segunda fase da AC é chamada de exploração do material e caracteriza-se pela aplicação das decisões tomadas na pré-análise. Segundo Bardin, consiste em “operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função das regras previamente formuladas”. (BARDIN, 2011, p. 47). A terceira e última fase da análise é o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. Neste momento, segundo Bardin (2011), é estabelecido os quadros de resultados, os diagramas, as figuras e os modelos que condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise. Também é momento de sintetizar e selecionar os resultados. A interpretação pode servir de base para orientar sobre novas análises possíveis.

#### 4.1 Objeto

O jornal Zero Hora, também conhecido por ZH, pode ser considerado como um dos maiores impressos do Estado. Editado na capital, o jornal tem 17 cadernos. Entre eles, o Donna, de variedades, e o TV Show, de entretenimento.

Fundado em 4 de maio de 1964, o impresso teve sua primeira sede localizada na rua Sete de Setembro, no centro de Porto Alegre. Em 1969, foi inaugurada a sede na Avenida Ipiranga, no bairro Azenha.

Além da mudança de endereço, o layout do jornal também sofreu alterações com o decorrer do tempo. Na década de 1970, o nome passou a ficar em um espaço quadrado e, em 1994, a marca Zero Hora passou a ter formato retangular, que permanece até hoje.

De acordo com o histórico disponibilizado no site de ZH<sup>2</sup>, em 1996, a edição e produção do jornal passou a ser totalmente digital. Em 2007, entrou no ar o website Zerohora.com. Já em 2012, o jornal passou a cobrar pela versão digital do seu conteúdo impresso.

---

<sup>2</sup> [www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora](http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora)

Ao completar 50 anos, em maio de 2014, Zero Hora fez reformulação editorial, gráfica e de marca. Tanto no papel quanto no online. Novos colunistas, cadernos reformulados, mudança de paleta de cores, tipografia, maior espaço para arte, ilustração e infografia, além de foco em vídeos complementam as mudanças do jornal.

## **4.2 Variáveis**

As quatro características do *new journalism* apontadas por Wolfe e apresentadas na página 19 do presente trabalho servem de base para a construção da análise. De acordo com o autor, citado por Pena (2005), a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos completos, a apresentação das cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem são aspectos da vertente que se consolidou nos anos 60, nos Estados Unidos.

## **4.3 Amostragem**

O material analisado se constitui de oito exemplares dominicais do Jornal Zero Hora, de setembro e outubro de 2015. As edições dominicais foram escolhidas por, tradicionalmente, trazerem conteúdo mais extenso e aprofundado aos leitores. Neste contexto, as oito reportagens de capa dos exemplares escolhidos serão analisadas, já que as matérias estampadas no espaço de maior destaque do impresso representam o conteúdo de mais relevância na edição.

### **4.3.1 Descrição da amostragem**

A primeira matéria analisada foi veiculada na edição de 06 de setembro de 2015 e tem como título “Lava-jato além da Petrobras”. O conteúdo está dividido entre as páginas 11 e 14 e relata a expansão territorial da operação, além de contextualizar o início do processo de investigação.

Veiculada próxima aos festejos farroupilhas, a segunda edição analisada faz parte de uma série de matérias que relatam as tradições gaúchas através de três profissões tão antigas quanto o Estado: domadores, cutedeiros e produtores de charge. A reportagem analisada, veiculada no dia 13 de setembro de 2015, aborda a profissão de domador.

A terceira reportagem analisada relata a criminalidade no Morro Santa Tereza, em Porto Alegre. Veiculada na edição de 20 de setembro, a reportagem mostra o medo dos

moradores da região, a dificuldade em vender imóveis que se localizam no Morro e o tráfico de drogas, que amedronta quem vive na área.

Já na edição do dia 27 de setembro, os prejuízos financeiros da CEEE são relatados na reportagem que tem destaque na capa do impresso. O material aborda deficiências no serviço oferecido pela distribuidora de energia do Estado e o risco de a empresa chegar ao colapso ou perder a concessão após anos de gastos excessivos e erros de gestão.

Na primeira edição dominical de outubro, veiculada no dia 04, a reportagem analisada recupera histórias de imigrantes que participaram, há um ano, de outra reportagem de ZH intitulada “Os novos imigrantes”. A ideia do jornal foi resgatar algumas histórias para conhecer as mudanças na vida dos imigrantes durante o ano, principalmente em relação às dificuldades com o dólar alto e o mercado de trabalho retraído.

Na edição dominical do dia 11 de outubro, o destaque da capa de ZH é um caderno especial intitulado: Refugiados, uma história. No material analisado, ZH acompanhou a jornada de uma família síria que arriscou a vida para fugir do horror da guerra em busca do recomeço na Alemanha.

Na sétima reportagem que compõe o *corpus*, ZH analisou a lista de 48 nomeados em concurso de 2005 para professores estaduais na Capital para descobrir quantos permanecem na função e as dificuldades que enfrentam.

Por fim, a última reportagem analisada é intitulada como “Uma longa espera”. Na matéria, a jornalista Juliana Bublitz relata a história das famílias Gobbo, Gobatto e Manica, donas de precatórios - dívidas de maior valor do poder público com pessoas ou empresas. Além disso, explica o que são precatórios e apresenta os dados sobre o pagamento dessas dívidas do Estado.

## 5 ANÁLISE

A partir das variáveis, a análise de conteúdo explora cada uma das oito reportagens escolhidas separadamente. Assim é possível apresentar um resumo mais completo de cada uma e apontar quais características do *new journalism* aparecem em cada reportagem.

### 5.1 Lava-jato além da Petrobras

A primeira matéria analisada foi veiculada na edição dominical de 6 de setembro de 2015 e tem como título “Lava-jato além da Petrobras”. O conteúdo está dividido entre as páginas 11 e 14. Na capa do impresso, a reportagem é chamada como “Combate à corrupção: ambição da lava-jato é virar lava-tudo”.

Os quatro primeiros parágrafos contextualizam a relação entre a Mãos Limpas, uma ação anticorrupção desencadeada na Itália, entre 1992 e 1994, e a operação Lava-jato, que investiga esquemas de corrupção envolvendo a Petrobras.

A reportagem, escrita pelos jornalistas Carlos Rollsing e Humberto Trezzi, compara e aponta paralelos entre as duas ações:

A Mãos Limpas começou investigando propina paga por empresários e mafiosos a políticos de Milão [...]. Acabou atingindo parlamentares e governantes em toda a Itália [...]. A Lava-jato parece tomar o mesmo caminho. Surgiu para investigar doleiros e acabou realizando uma devassa nas contas da Petrobras, já acumulando 105 prisões, 715 investigadores e 143 réus. Depois do petróleo, se expandiu para segmentos bem diferentes: publicidade, bancos, saúde, crédito consignado e usina nuclear. (ZH, ed. 18.225 2015, p.11)

A expansão da operação para outros setores é tema das próximas duas páginas - 12 e 13 - que têm um infográfico com o título “Operação Lava-tudo” (Figura 1).



Figura 1 - Jornal Zero Hora, ed. 18.225, p.12

O gráfico aborda as investigações da operação em outras áreas como na Caixa Econômica Federal, Usina Nuclear e Ministério da Saúde. Além disso, o infográfico também apresenta as próximas fases, que devem envolver investigações no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e hidrelétricas.

A reportagem analisada também relata a expansão territorial da operação, que já chegou em 11 estados brasileiros, em 18 fases. Essa expansão é discutida com o subtítulo “Gigantismo da ação gera controvérsia”. De um lado, especialistas utilizam a grandiosidade da operação para afirmar que ela não pode dar conta de tudo e, por isso, não julga da forma correta. E ainda que o magistrado não poderia ter conhecimento sobre todos os lugares e não poderia emitir sentenças de crimes que não ocorreram no seu espaço de jurisdição. Por outro, pessoas afirmam que os casos se conectam e, por isso, poderiam ser julgados pela mesma pessoa.

Por fim, o conteúdo retoma o comparativo com a Mãos Limpas e apresenta as distâncias e afastamentos entre as duas ações.

No conteúdo analisado, nenhuma das características apontadas por Wolfe foi encontrada. Mesmo que dê voz à diversos personagens, o repórter não conta uma história cena a cena, mas relata acontecimentos factuais da operação Lava-jato e analisa hipóteses sobre o futuro e os resultados da operação. É uma reportagem que ganhou espaço de destaque por ser de um tema relevante e atual, mas não por conter algum traço do jornalismo literário. Quando cita os personagens, o repórter não demonstra que esteve com eles, não fala dos gestos, mas fala da opinião de cada envolvido em relação à operação. Contextualiza, traz dados

relevantes, mas, segundo as características apontadas por Wolfe, não se enquadra como jornalismo literário.

### 5.2 Guardiões da tradição

Veiculada durante os festejos farroupilha de 2015, a segunda reportagem analisada é a primeira de uma série de três matérias que resgatam profissões antigas do Estado. Nos primeiros parágrafos da reportagem, publicada no impresso de 13 de setembro, o repórter introduz o tema e cita profissões gaúchas consideradas tão antigas quanto o Estado: couteleiros, produtores de charge e domadores (Figura 2).



Figura 2 - Jornal Zero Hora, ed. 18.232, p. 23

A primeira da série aborda a profissão de domador. No decorrer do texto o repórter relata gestos e características dos personagens. “O Vladimir que quase deixa escapar uma lágrima ao lembrar uma égua domada há alguns meses [...] emite sons ininteligíveis para os humanos, mas significativos para os animais - algo como pssss e pupupu” (ZH, ed. 18.232, p. 24). Em trechos como este o repórter deixa claro que esteve com Vladimir e construiu o texto a partir de suas impressões sobre os acontecimentos que acompanhou.

As mesmas técnicas utilizadas com o primeiro personagem apresentado também são usadas com o segundo: “Com assovios curtos, Tiago Pereira, 33 anos, aproxima-se pé ante pé, mas com segurança [...] o capataz da Estância Bela Esperança está sempre atento ao olhar, aos sinais e aos movimentos do cavalo”. (ZH, ed. 18.232, p. 24)

Além de registrar hábitos, roupas, costumes dos personagens, o repórter também apresenta, em alguns momentos, a reconstrução cena a cena dos fatos. Quando se refere a Tiago, por exemplo, o repórter relata o estado do cavalo, que nervoso, se move para os lados enquanto Tiago tenta doma-lo na com o laço. Mesmo que coloque algumas falas do personagem e ações no decorrer da reportagem, o repórter continua a cena que descreve: “Vencida a primeira etapa (o laço) é hora de chegar o primeiro galope, o momento mais emblemático da doma [...] quando pereira assume as rédeas, o bicho corcoveia, nervoso”, relata ao contar os passos do domador. Assim, reconstrói a história através de cenas e se enquadra em mais uma característica do *new journalism* segundo Wolfe: a reconstrução da história cena a cena.

Na reportagem as outras duas características - o registro de diálogos completos e a apresentação das cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens - não são encontradas.

### **5.3 O morro do medo**

A terceira reportagem analisada relata a criminalidade no Morro Santa Tereza, em Porto Alegre. Veiculada na edição de 20 de setembro, a reportagem mostra o medo dos moradores da região, a dificuldade em vender imóveis que se localizam no Morro e o tráfico de drogas, que amedronta quem vive na área.

A matéria inicia comparando a área em dois momentos: em 1850, quando a mata fechada do Morro era assustadora para a população e, agora, quase dois séculos depois, quando subir o Santa Tereza é tão perigoso quanto entrar na mata fechada. Só que por um motivo bem diferente: a criminalidade. De acordo com a reportagem, o tráfico de drogas se apropriou do Morro (Figura 3).

Nos primeiros parágrafos, o repórter relata a situação atual do Morro e como ele se tornou perigoso. “Soldados do tráfico exibem pistola à luz do dia e negociam até fuzil”, relata o repórter. (ZH, ed.18.239 p.19).



Figura 3 - Jornal Zero Hora, ed.18.239 p.22

No decorrer do texto, o repórter dá voz aos moradores do morro que sentem medo de sair de suas próprias casas. Mesmo que mostre o fato no ponto de vista de vários personagens, não são cenas registradas, mas uma situação, no caso a criminalidade no morro, vista pelos olhos de personagens. “À noite, carros fazem fila para comprar droga. Quando a Brigada está aqui, somem todos. É uma tranquilidade”, relatou um dos moradores. (ZH, ed.18.239 p.20).

O repórter também registra as cenas que vê no morro, como no trecho em que escreve “Sentados nas calçadas, jovens olheiros do tráfico observam o trânsito e gritam palavras de ordem”. (ZH, ed.18.239 p.20). Neste caso, o escritor parece estar na cena que descreve, o que pode ser considerado o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens, uma das características apontadas por Wolfe. Porém, não é possível afirmar que o escritor optou por utilizar uma das características do jornalismo literário, já que utiliza o recurso poucas vezes durante o texto e, quando utiliza, não se refere aos personagens da matéria, mas às cenas que vê no morro.

Por fim, o repórter aborda o impasse da legalização de áreas invadidas no Morro Santa Tereza, que se arrasta há pelo menos uma década. Neste trecho, o último da matéria, não há registro de nenhum aspecto do jornalismo literário apontados por Wolfe.

## 5.4 Por um fio

Na edição do dia 27 de setembro, os prejuízos financeiros da CEEE são relatados na reportagem que tem destaque na capa do impresso. O material aborda deficiências no serviço oferecido pela distribuidora de energia do Estado e o risco de a empresa chegar ao colapso ou perder a concessão após anos de gastos excessivos e erros de gestão (Figura 4).



Figura 4 - Jornal Zero Hora, ed. 18.146 p.12

A reportagem é extensa e relata cada aspecto da crise financeira que a distribuidora enfrenta, pelo menos, desde 2010. Desde os motivos que levaram à crise até os marcos que contribuíram para o risco de um colapso. “A agonia da empresa é resultado de uma série de diferentes episódios que permeiam a sua trajetória, mas com origens comuns: omissões, autofagia e decisões que atenderam a conveniências políticas [...]”. (ZH, ed.18.146 p. 12).

Divididos por subtítulos, a matéria traz um panorama da situação da empresa. Mesmo que contextualize, aprofunde e informe o leitor, a reportagem não se enquadra em nenhum dos aspectos apontados por Wolfe.

## 5.5 Destino incerto

A quinta reportagem analisada, veiculada no dia 04 de outubro, recupera histórias de personagens que participaram, há um ano, de outra reportagem de ZH intitulada “Os novos imigrantes”. A ideia do jornal foi resgatar algumas histórias que relatavam a esperança de uma vida melhor em um novo país. A reportagem mostra a mudança de pensamento dos imigrantes doze meses depois.

Com o dólar alto e a crise econômica, os imigrantes não conseguem enxergar uma oportunidade no Brasil. Um dos personagens apontados é Oline, um imigrante haitiano que residia em Marau e, na reportagem produzida há um ano, relatou a esperança no sonho brasileiro. Um ano depois relata a dificuldade em permanecer no Brasil. “Passei dois anos aqui, pensei que tudo melhoraria, mas só piorou. Não posso ficar mais. Antes, precisava de R\$ 230 para mandar Us\$ 100 ao Haiti; Hoje, preciso de R\$ 440 para os mesmos US\$ 100”, relatou para o repórter. (ZH, ed. 18.253, p.13).

Nos primeiros parágrafos o texto apresenta os personagens, mas não ressalta hábitos, roupas ou gestos. Não reconstrói cenas, não apresenta diálogos completos ou as cenas pelo ponto de vista de diferentes pessoas.

Na terceira página, com o subtítulo “Porto Alegre como destino”, o repórter comenta sobre a relação capital e interior para os imigrantes. Com a crise, segundo a reportagem, os imigrantes optam pelos grandes centros e deixam as cidades interioranas. Ao apontar a construção civil como a única semelhança da atividade profissional do imigrante no interior e na capital, o repórter apresenta mais um personagem. Desta vez é o haitiano Maxonuy. O repórter resgata como o imigrante chegou ao Brasil e as dificuldades que enfrentou.

A reportagem segue com a apresentação de histórias. Ainda no subtítulo “Porto Alegre como destino” o repórter se registra hábitos e gestos dos personagens como no trecho “um jovem que está trabalhando em posto de gasolina tecia comentários, mas se negava a revelar seu nome a ser fotografado”. (ZH, ed. 18.253, p.15).



Figura 5 - Jornal Zero Hora, ed. 18.253, p.16

No início da terceira etapa, na página 16, o repórter relata um pouco da inserção dos imigrantes nas escolas gaúchas (Figura 5). Logo ao começar essa parte do texto, intitulado como “Os novos brasileiros” o registro de hábitos, roupas e gestos fica ainda mais clara:

No chão, um menino ágil se enrola nos tecidos, esconde-se atrás das cores. Sai em disparada, cruza o cercadinho do bercário, sobe a escadinha do escorregador, desce o brinquedo, volta ao topo e, desta vez, desliza de ponta, tocando o chão com a palma das mãos e, depois, o peito. As tranças rastafari, que delinham um labirindo no couro cabeludo, esvoaçam. (ZH, ed. 18.253, p.16).

Esse aspecto do jornalismo literário também aparece quando o repórter fala da fé, que faz com que a terra natal fique mais próxima dos imigrantes. O repórter deixa claro que acompanhou os haitianos quando manifestavam sua fé em cultos, registrando os gestos dos imigrantes: “Trajando suas melhores roupas, alguns em vestes sociais, sapatos lustrosos, eles são energéticos nas três horas de culto”, (ZH, ed. 18.253, p.17).

Na última parte da reportagem, intitulada “Sonhos reafirmados”, o repórter apresenta três personagens: Babu Gai, Jean Daniel François e Jean Edrice Nelzy. Os três foram personagens da

matéria de ZH há um ano e voltam para relatar suas histórias. O relato de suas experiências durante o ano de intervalo entre as duas reportagens é o que norteia essa parte da matéria, mas nenhum aspecto apontado por Wolfe é encontrado na última página da reportagem.

## 5.6 Refugiados, uma história

Na edição dominical do dia 11 de outubro, o destaque da capa de ZH é um caderno especial intitulado: “Refugiados, uma história”. No material analisado, ZH acompanhou a jornada de uma família síria que arriscou a vida para fugir do horror da guerra em busca de uma recomeço na Alemanha.

Logo nas primeiras palavras da repórter Letícia Duarte é possível perceber aspectos do *new journalism* apontados por Wolfe: o registro de gestos. “Mohammad vê as lágrimas escorrendo no rosto do pai e se aproxima, como a consolá-lo”. Essa característica não cessa com o decorrer do texto. A repórter segue registrando cada gesto, hábito, roupas dos personagens que cita.

No segundo parágrafo é possível perceber que as cenas são reconstruídas pela repórter, o que representa outro aspecto apontado por Wolfe: a reconstrução da história cena a cena. Ela inicia o relato com Mohammad e o pai no quarto, sentados aos pés de uma cama de solteiro e segue acompanhando cada dia de jornada. Esse registro cena a cena fica claro quando a repórter relata algumas situações vividas pela família síria, como:

Ghazi acredita que a família receberá os documentos até a manhã do dia seguinte, e assim que conseguir pretende retomar a viagem. Não tem tempo a perder. Horas depois, ele descobre que os documentos ficarão prontos antes do esperado. A polícia publica em seu mural um comunicado informando que haverá uma remessa de autorizações no final desta tarde. Às 18h daquele domingo, 20 de setembro, as filas começam a se formar diante da sede da polícia, uma construção com grandes arcos na entrada, que ocupa metade da quadra da avenida à beira-mar. (ZH, ed. 18.260, pg. 94)

A característica de reconstruir cena a cena não se perde ao longo do texto, já que a repórter constrói um diário de viagem e conta cada acontecimento da família síria durante oito dias. O registro de características e gestos dos personagens também permanece no texto escrito por Letícia. Além de registrar as características dos personagens, a repórter também relata as características dos espaços onde esteve: “Às 17h17min de terça-feira, Ghazi e Razan

começam a dobrar as mantas que aquecem as crianças. As luzes do porto de Atenas já são visíveis. O tempo está cinza e úmido no primeiro dia de outono”. (ZH, ed. 18.260, pg. 94).

Além disso, outra característica da *new journalism* aparece, pelo menos uma vez durante a reportagem: o registro de diálogos completos:

Tala corre de braços abertos:

- Musa! Musa!

No interior do veículo, o pai retransmite as ordens da polícia:

- Não será possível fumar nem comer até a gente chegar.

Os rapazes não sabem quanto tempo terão de ficar no campo. Temem ser retidos e impedidos de seguir viagem.

- Se nos deixarem presos, vamos colocar fogo e escapar - brinca Musa. (ZH, ed. 18.260, pg. 94).

A reportagem acompanha a família síria, que sai de Raqqa, primeira capital de província síria a cair nas mãos do Estado Islâmico, rumo à Alemanha. As incertezas da viagem, as dificuldades do caminho e o medo dos sírios de não conseguir chegar ao destino são sentimentos que a repórter relata no decorrer do texto.



Figura 6 - Jornal Zero Hora, ed. 18.260 p.14

Por fim, como mostra a Figura 6, Letícia relata a chegada dos sírios na Alemanha e a esperança de uma vida melhor no olhar de cada um.

### **5.7 Desistir ou persistir, eis a questão**

Na reportagem veiculada no dia 18 de outubro de 2015, ZH analisou a lista de 48 nomeados em concurso de 2005 para professores estaduais na Capital. A intenção era descobrir quantos permanecem na função após dez anos e expor as dificuldades que enfrentam.

O resultado é que, dez anos depois, apenas 14 continuam trabalhando para o Estado. Salários baixos, a falta de estrutura nas escolas, o desinteresse dos alunos e pouca perspectiva de evoluir na carreira são alguns motivos para aqueles que assumiram, mas se exoneraram pouco tempo mais tarde. A reportagem também apura que 19 nem tomaram posse e 10 abandonaram a profissão.

A reportagem é dividida em cinco partes. A primeira é a introdução ao tema, traz dados, falas de governantes e pesquisas sobre a profissão e a desmotivação dos professores com os baixos salários e a sobrecarga de trabalho. Nesta etapa, apenas uma das características do *new journalism* foi percebida, no primeiro parágrafo. É o registro de gestos e características dos personagens. “A professora de química Paula Brust, quando precisa usar o laboratório, se vê entre a precária vidraria e substâncias químicas cujos prazos de validade expiraram no século passado. Da mesma disciplina, Graciela Cechin limpa o quadro negro com papel higiênico, porque não há apagador”. (ZH, ed.18.267. p. 26)

Na segunda parte, intitulada de “Giz e Saliva”, outra característica aparece: o registro de diálogos. O aspecto apontado por Wolfe aparece no primeiro parágrafo: “Qual é a tua profissão? - perguntam. - Sou professora do Estado - responde Paula Brust, 39 anos. - Ah! Coitada...”. (ZH, ed. 18.267. p. 27)



Figura 7 - Jornal Zero Hora, ed. 18.267. p. 28

A terceira divisão por subtítulo, a repórter apresenta outro aspecto apontado por Wolfe: o registro cena a cena. O texto intitulado “R\$ 900 e alma zen” conta a história de Graciela Cechin, uma professora que enfrenta o desinteresse diário dos alunos, mas mantém a calma. O registro cena a cena aparece nos primeiros parágrafos do texto:

Sentare nas classes e cadeiras onde estão escritos, por eles mesmos, os maiores impropérios, os alunos da professora de química Graciela Cechin, 51 anos, debocham quando ela tropeça no parquê que insiste em se soltar do chão. Bem-humorada, ela também ri e segue sua aula. [...] Quando precisa apagar, o jeito é usar papel higiênico. O pó se solta e ela espirra - sofre de rinite alérgica. (ZH, ed. 18.267. p. 28)

Além disso, o trecho também aponta gestos e características dos personagens.

Nas outras duas divisões, que ocupam as páginas 30 e 31 do impresso, nenhuma das características apontadas por Wolfe é encontrada. Nelas, dois personagens são abordados: a professora Claudia de Oliveira, que carrega no sangue a vocação e Rodrigo de Souza, que foi nomeado e não seguiu no Estado pelo baixo salário e desinteresse dos estudantes.

### 5.8 Os precatoristas

Com o título “Uma longa e\$pera”, a oitava e última reportagem analisada relata a histórias das famílias Gobbo e Manica, donas de precatórios - dívidas de maior valor do poder público com pessoas ou empresas. A reportagem foi veiculada no dia 25 de outubro de 2015 e apresenta dados sobre as dívidas. No Estado, por exemplo, quase 50 mil títulos do tipo aguardam quitação.

O material se divide em vários subtítulos, cada um com um tema. O subtítulo “Tricô testa a paciência”, por exemplo, relata a história de um grupo chamado Tricô dos Precatórios, criado pelo Sindicato dos Servidores Públicos Aposentados e Pensionistas do Estado (Sinapers) em protesto contra a demora nos pagamentos, como mostra a Figura 8. Antes da tragédia no aeroporto de Congonhas em São Paulo, que vitimou pelo menos sete mulheres que participavam do grupo, as participantes produziram uma manta de 300 metros como símbolo da espera pela quitação dos precatórios.



Figura 8 - Jornal Zero Hora, ed. 18.274, p. 14

É possível perceber uma das características do *new journalism* em um curto parágrafo do subtítulo: “Família despejada de recanto aguarda indenização completa”. O registro de gestos e características do personagem aparece no primeiro parágrafo, quando o repórter escreve: “Pelas brechas da cerca de arame do Parque Estadual de Itapuã, em Viamão, a aposentada Ilda Rosa da Silva, 68 anos, observa com um ponta de tristeza o naco de terra tomado pelo Estado no fim da década de 1970” (ZH, ed. 18.274, p. 15).

Mesmo que utilize personagens para relatar a espera pelos precatórios, o registro de gestos e características foi o único aspecto do *new journalism* encontrado durante a análise da reportagem. O texto termina com uma das apostas do Estado para pagar mais com menos através da negociação dos títulos para contemplar mais credores.

### 5.9 Resultados quantitativos

Após a análise é possível verificar - como mostra a tabela abaixo - que, das oito reportagens analisadas, nenhuma das oito reportagens contempla as quatro características do novo jornalismo, segundo Wolfe. Sendo assim, podemos afirmar que a prática do *new journalism* não é comum no jornal, ou seja, o periódico oferece pouco espaço para o movimento, consolidado nos anos 60, nos Estados Unidos.

	<b>Reconstrução cena a cena</b>	<b>Registro de diálogos</b>	<b>Vários pontos de vista</b>	<b>Registro de hábitos</b>
<b>Lava-jato além da Petrobras</b>				
<b>Guardiões da tradição</b>	X			X
<b>O morro do medo</b>				
<b>Por um fio</b>				
<b>Destino incerto</b>				X
<b>Refugiados, uma história</b>	X	X		X
<b>Desistir ou persistir, eis a questão</b>	X	X		X
<b>Os precatóristas</b>				X

Como é possível perceber a partir da tabela, há o espaço para algumas das características do *new journalism* e, por isso, é possível considerar que as técnicas do jornalismo literário são conhecidas e praticadas, mesmo que com pouca frequência, pelos jornalistas de ZH. A partir da suposição, não descartamos a hipótese de conferir, em Zero

Hora, um conteúdo baseado nas características do *new journalism*, já que o jornal oferece espaço para reportagens extensas e intensas, que relatam histórias, humanizam relatos e contextualizam temas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das oito reportagens e da definição de Wolfe para o *new journalism* a pergunta que norteia a pesquisa pode ser respondida. Há espaço para a principal vertente do jornalismo literário em ZH? O resultado alcançado com a análise aponta que não. Isso porque as oito reportagens analisadas não podem ser classificadas como *new journalism*, já que nenhuma contempla as quatro características que Wolfe, um dos precursores do movimento, apontou, em 1973.

Após ler e reler cada uma das reportagens é possível perceber que as características do *new journalism* - a reconstrução da história cena a cena, o registro de diálogos completos, a apresentação das cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens e o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem – aparecem apenas de forma isolada no decorrer das reportagens, ou seja, não representam a construção de uma reportagem típica do novo jornalismo.

As características do *new journalism* fazem parte, por vezes, das reportagens nas edições dominicais de ZH, mas não representam o estilo ditado pelo movimento, consolidado nos anos 60. Na época, os “novos jornalistas” tinham a intenção de romper padrões e apresentar um jornalismo diferente daquele que era praticado diariamente nos veículos tradicionais de comunicação. Essa sede de apresentar um conteúdo fora dos padrões do jornalismo cotidiano parece não fazer mais parte da rotina produtiva dos repórteres atualmente. Isso pode acontecer por vários motivos. Entre eles, o tempo curto para produção das reportagens, a comodidade em seguir os padrões sem ousar na construção do material oferecido aos leitores e a possível mudança no perfil dos leitores desde 1973, quando Wolfe definiu as quatro características para o *new journalism*.

Diferente da maioria dos periódicos, ZH ainda busca oferecer um conteúdo aprofundado ao leitor e aposta na contextualização, na exposição de diferentes pontos de vista e na apresentação de dados diversos sobre determinado assunto. Os exemplares de domingo, como os oito analisados, reservam conteúdos extensos, debates, impasses e histórias. Pela liberdade que ZH tem em oferecer esse tipo de conteúdo, não é possível descartar a hipótese de conferir, em Zero Hora, um conteúdo baseado nas características do *new journalism*.

Quando o movimento foi consolidado nos anos 60 existiam mais publicações que permitiam esse espaço. Hoje, o espaço para o *new journalism* e o jornalismo literário como um gênero é mais escasso. Principalmente nos jornais, que tradicionalmente primam pela

cobertura do factual. Essa realidade pode mudar a partir da adaptação dos impressos na era digital. O jornalismo literário ainda pode ser visto pelos periódicos como alternativa para a sobrevivência do impresso. Analisar ou quantificar futuros espaços e descobrir se o jornalismo literário é visto como alternativa por jornais como ZH podem nortear próximas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

ANDRETTA, C. B.; Livro que marca o Jornalismo Literário e o gênero perfil. Revista Litteris, v. 03, 2009.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário: análise do discurso**. Série Jornalismo a Rigor. Florianópolis: Insular, 2013.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2010.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo**. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006.

CONHEÇA A NOVA ZH. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/pagina/aniversario-de-zh.html>. Acessado em 10 de outubro de 2015.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 240 p.

FABRINO, A. M. J.. **História da literatura universal**. Curitiba: InsterSaberes, 2014.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de texto: leitura e redação**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2002

INSTITUTO GUTENBERG. Boletim N° 20 - Truman Capote, 1998. Disponível em <http://www.igutenberg.org/newjorna.html>. Acessado em 12 de outubro de 2015.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas: O Livro-Reportagem Como Extensão do Jornalismo e da Literatura**. 3a. ed. São Paulo: Manole, 2004. v. 01. 371p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MELO, José Marques de. **A crônica**. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura, a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

NECCHI, V. A **(im) pertinência da denominação jornalismo literário**. Estudos em Jornalismo e Mídia (UFSC), v. 6, p. 99-109, 2009. Disponível em

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf>. Acessado em: 23 de setembro de 2014.

OLIVEIRA, Daniela de. **Transformando fato em história: uma análise dos romances-reportagem 1808, Abusado e Olga**. 2010.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. *Contracampo (UFF)*, v. 17, p. 43-58, 2007.

PIZA, Daniel. **A palavra compartilhada**. In: CASTRO, Gustavo; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura, a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

PONTE, Cristina. **Para entender as notícias: Linhas de análise do discurso jornalístico**. Florianópolis: Insular, 2005.

SARDINHA, Antonio Carlos; MARTINS, L. J. **Aproximações entre os campos da literatura e do jornalismo: olhar sobre a reportagem de Eliane Brum**. *Ave Palavra (UNEMAT)*, v. 01, p. 01-21, 2012.

SITE ZH. Disponível em <http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/>. Acessado em 05 de setembro de 2015.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. Série Princípios. São Paulo: Ática. 2007.

SOUSA, Jorge Pedro. **Reflexões sobre um horizonte possível para o jornalismo impresso generalista de qualidade**. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-horizonte-jornalismo-impresso.pdf> Acessado em: 10 de setembro de 2015.

TUCHMAN, Gaye. **A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas**. In N. Traquina (Ed.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1993